

EMOÇÃO – AFETO – AGRESSIVIDADE

Silvia Friedman*

Resumo

Este artigo apresenta algumas das divergências encontradas na literatura sobre emoção, a respeito da sua definição, função e relação com a cognição e aponta, (como um caminho para superar as divergências e evoluir na pesquisa), para a necessidade de estudá-la, não enquanto manifestação isolada, mas em relação ao estudo da atividade humana, compreendida em sua dimensão histórica-social.

A partir da 'revolução cognitivista' nos anos 60 e do Behaviorismo, o pensamento científico a respeito do comportamento humano que predomina nas ciências sociais, é o cognitivista e racional. Ao contrário, durante o século XIX e início do XX, a visão que predominava em Psicologia e nas Ciências Sociais era instintivista e irracional. Isto serve para exemplificar que para o comportamento humano, assim como para muitos outros assuntos, existem mudanças cíclicas sobre o que é considerado verdadeiro, ao longo dos diversos períodos históricos.

Klaus Scherer afirma que: "*hoje em dia, a imagem de homem não é mais a de um indivíduo escravizado por suas paixões, mas sim a de um filósofo tomando decisões com base em deduções lógicas e inferências. Nesta tradição, a emoção é vista como uma indesejável fenda numa máquina cognitiva, que se não fosse isso, seria perfeita*".

(Scherer¹, p. 295). É claro que as radicalizações, tanto para o cognitivo como para o afetivo, são igualmente inadequadas, pois acabam negligenciando características importantes do comportamento humano e construindo edifícios teóricos idealizados.

Recentemente, tem havido um grande número de publicações em Antropologia, Etnologia, Filosofia e Sociologia com relação à emoção e comportamento afetivo. Apesar disso, não houve muito avanço na compreensão do assunto. Um dos problemas centrais tem sido a dificuldade em encontrar uma definição e um conceito sobre a emoção que seja aceitável pela maioria dos psicólogos.

Scherer aponta que, a partir de uma série de estudos recentes (Izard, 1977; Lazarus, Averill e Opton, 1970; Leventhal, 1979; Plutchic, 1980), a literatura mostra grande concordância em que o *conceito* de

* Fonoaudióloga e Professora do Curso de Fonoaudiologia da PUC-SP.

emoção é melhor compreendido como um constructo psicológico que consiste de vários aspectos ou componentes, a saber:

- a) o componente de apreciação ou avaliação cognitiva de estímulos e situações;
- b) o componente psicológico de ativação;
- c) o componente de expressão motora;
- d) o componente motivacional, incluindo intenções comportamentais, ou prontidão comportamental;
- e) o componente de sentimento subjetivo.

Isto porém, não significa que não haja pontos de vista contraditórios com relação a questões na teoria e pesquisa sobre emoção. Três dos principais pontos de discórdia, conforme mostra Scherer, são:

- 1) as funções da emoção;
- 2) as definições de emoção e a necessidade de uma estrutura descritiva;
- 3) o papel da cognição na emoção.

Com relação às funções da emoção, diz ele, parece que a principal discussão teórica se refere a uma visão de emoção como ruptura ou interrupção das seqüências coordenadas de comportamentos, versus uma visão de emoção como um mecanismo primariamente adaptativo e motivacional. A interrupção no desenrolar de um comportamento e a decorrente direção da atenção para a causa da interrupção é considerada o

principal critério para definir emoção, por autores como Priban (1967), Mandler (1975) e Simon (1967) o qual defendeu que as "emoções poderiam ser facilmente representadas por simulações computadorizadas do comportamento, onde um sistema de interrupção acionaria sub-rotinas corretivas, se o programa principal entrasse em dificuldades". (Scherer¹ p. 295).

Entretanto, por experiência própria, sabemos que estados emocionais como alegria, tristeza ou ansiedade podem conviver com nossos planos e nossas rotinas de comportamento, sem necessariamente interrompê-los. Um prazer crescente pode se desenvolver durante o desempenho de uma tarefa bem sucedida por exemplo, mostrando neste caso, um caráter de suporte e não de interrupção. Já uma situação de medo extremo pode interromper uma seqüência de comportamentos planejados. Desta forma, a interrupção, perturbação ou o suporte adaptativo de seqüências comportamentais ou cognitivas geradas pelos processos emocionais dependem da situação específica, da natureza da atividade, do grau de excitação e provavelmente de outros fatores mais, não se constituindo, conforme argumenta Scherer, em um critério adequado para descrever a emoção.

Na visão deste, a emoção deve ser encarada, de forma mais ampla, como a "interface entre um organismo e seu meio, fazendo a mediação entre as constantes mudanças nas situações e eventos e as respostas comportamentais do indivíduo." (Scherer¹, p. 295). As emoções seriam, por-

tanto, mediadoras entre os estímulos externos que constantemente atingem os órgãos dos sentidos e as respostas do organismo a eles.

Para Leontiev "*as emoções cumprem a função de sinais internos.*" (2 - p. 154). Elas refletem as relações entre os motivos (necessidades) e os êxitos, ou possibilidades de realizar com êxito uma atividade, que responda a esses motivos ou necessidades. Elas surgem, diz ele, atrás da atualização do motivo (da necessidade) e antes que o sujeito faça a valoração racional da sua atividade, influenciando assim sobre esta.

Scherer diz que as emoções, na sua função principal de permitir ao organismo lidar com situações constantemente cambiantes: 1) refletem a avaliação das relevâncias e significâncias dos estímulos particulares ou configurações de estímulos para as necessidades, planos, ou preferências do organismo em situações específicas e resalta que, por isso mesmo, elas têm um papel fundamental na *aprendizagem*; 2) fisiologicamente e psicologicamente elas preparam o organismo para a ação; 3) elas comunicam os estados do organismo e as intenções comportamentais ao meio social, através de várias modalidades de expressões.

Conforme podemos observar, organismos simples ou computadores que não têm capacidade de emoção, também podem processar informações do meio ambiente e ajustar seu comportamento a elas. Entretanto, tanto as possibilidades de obter informações quanto as possibilidades de realizar

comportamentos-resposta são finitos para esses sistemas. O ser humano porém, é capaz de uma gama extraordinária de interpretações de estímulos, situações e escolhas de resposta.

Scherer argumenta: "*o organismo humano pode constantemente reinterpretar ou reavaliar os estímulos, com ou sem informações novas. Ele mostra movimentos intencionais em manifestações expressivas que servem como precursores da ação; ele pode parar um comportamento já iniciado e substituí-lo por um tipo diferente de comportamento, dependendo de uma reinterpretação do estímulo original, nova informação, ou de feed-back a respeito dos efeitos da ação iniciada. A estrutura que torna possível este tipo de flexibilidade é o sistema emocional.*" (Scherer³ p. 190). A emoção fornece energia motivacional, assim como tendências apropriadas para a ação diante de diferentes tipos de avaliação de situações-estímulo, a fim de lidar adaptativamente com as contingências do meio. Ela constrói potenciais no lugar de seqüências comportamentais rígidas e imutáveis, assim como prova os potenciais para *feed-back* rápido sobre as prováveis conseqüências de uma ação pretendida, através de seus componentes expressivos que comunicam aos outros os estados do organismo e as tendências para ação.

Leontiev afirma que as emoções são *momentos* relevantes da atividade e não ações ou operações realizadoras da mesma. Tanto é assim, que processos idênticos necessários para executar uma atividade

podem adquirir um colorido emocional diferente e até oposto – por exemplo, um beijo tanto pode provocar alegria como tristeza. Isto significa que diante de um motivo dado de antemão e relacionado aos seus efeitos, as emoções cumprem o papel de ‘sanções’ positivas ou negativas. Os estados emocionais não possuem *existência independente* do mundo objetivo, argumenta Leontiev. Para perceber isso, basta citarmos o fato comum de atribuímos sinais emocionais a objetos ou pessoas. Isto se refere ao fato de diferenciarmos, na imagem mental, o seu conteúdo objetivo e seu colorido emocional. Dadas as mediações complexas que tem a atividade humana, estes sinais emocionais se criam e se modificam (exemplo do beijo), mostrando que os processos emocionais possuem no homem seu próprio desenvolvimento, sua história.

“Diferentes estímulos significam coisas diferentes para diferentes organismos. Assim, nenhuma emoção pode resultar como reação a um estímulo particular sem que o organismo tenha primeiro, de alguma forma, avaliado sua significância.” (Scherer³, p. 191). Os mecanismos psicológicos postulados como bases dessa avaliação contudo diferem bastante nas teorias sobre emoção. Uma das divergências fundamentais diz respeito à avaliação de estímulos como sendo um processo que requer atividade cognitiva envolvendo portanto, estruturas corticais (Arnold 1960, 68; Lazarus, 1968; Averill e Opton, 1970), versus a avaliação de estímulos como decorrente de um processo a nível sub-cortical, ocorrendo

portanto, sem participação da consciência (James 1884, Tomkins, 1962). Tomkins, por exemplo, argumentava que diferentes estímulos produziram diferentes proporções de descarga nervosa, resultando assim em diferentes emoções. Averill e Opton porém, destacam a importância da possibilidade de reavaliar estímulos, onde a significância deste é reavaliada após interpretação cognitiva ou informação nova.

Diz Scherer que embora seja difícil especificar exatamente qual o mecanismo psicológico envolvido na categorização e avaliação dos estímulos no nosso atual estágio de conhecimento, a dimensão mínima requerida para uma adequada avaliação do estímulo é ser este esperado ou não, bom ou mau, e ser o organismo capaz de lidar com ele ou não. A posição de um estímulo em relação a estas 3 dimensões (novidade/expectativa; valor e habilidade em lidar com) parece indicar aproximadamente a emoção que se seguirá. Por exemplo: a um estímulo inesperado e avaliado negativamente com o qual o indivíduo pode facilmente lidar, se seguirá raiva. Entretanto, o mais provável é que a avaliação de estímulos seja por nós processada em muito mais dimensões para o grande número de estados emocionais possíveis. Uma consequência dessa função de avaliar estímulos é a de que a emoção está diretamente envolvida com o processo de aprendizagem; ela é um pré-requisito fundamental para aprender. Assim, as reações emocionais provêm um importante sistema intraorgânico de sinais que permitem ao organismo adquirir novos padrões de

comportamento, bem como evitar comportamento inadequado. Sinais emocionais negativos como angústia ou dor, produzem reações de evitação; sinais emocionais positivos produzem recompensa. Uma resposta emocional condicionada representa a avaliação de uma configuração do estímulo encontrada no passado. Tal armazenamento de avaliações poupa o organismo de uma excessiva quantidade de experiências negativas ao interagir com o meio ambiente.

Scherer aponta que, atualmente, a maioria dos teóricos considera que a emoção é construtiva e serve a importantes propósitos motivacionais. A forma como os efeitos motivacionais das emoções são descritos nas diferentes teorias varia bastante. Estes teóricos enfatizam a existência de características motivacionais gerais para as emoções e outros enfatizam padrões específicos. O aspecto motivacional, segundo Scherer, pode ser dividido em duas categorias: a de preparo fisiológico do organismo para a ação; e a de instigar a tendências específicas de ação.

O auto grau de *ativação autônoma e somática* é uma das características mais óbvias do estado emocional e grande parte do trabalho empírico de psicólogos e fisiologistas tem sido dedicado ao seu estudo, procurando estabelecer padrões de respostas autônomas e somáticas em diferentes estados emocionais. Entretanto, os pesquisadores têm falhado na tentativa de encontrar evidências empíricas de diferenças nesses padrões para as diferentes emoções. Apesar disso, a maioria dos teó-

logos acredita que a *ativação* autônoma e somática que acompanha os estados emocionais serve para preparar o organismo para a ação. Cannon (1915), por exemplo, assume que a ativação do sistema nervoso simpático aumenta o nível de glicose no sangue, o que permite contrações mais vigorosas de músculos e previne a fadiga. Ele argumenta que as mudanças no sistema simpático que acompanham emoções fortes servem para mobilizar as energias do organismo para lutar ou fazer movimentos rápidos.

Leontiev argumenta que as concepções psicofisiológicas da emoção só conseguem captar os estados mais palpáveis e visíveis das manifestações emocionais, escapando-lhes as emoções superiores. Outro enfoque do problema, diz ele, consiste em investigar as relações 'intermotivacionais'. Estas relações ao se estabelecerem, caracterizam a estruturada personalidade e, ao mesmo tempo, a esfera das vivências emocionais que refletem e mediatizam seu funcionamento.

Leontiev analisa a atividade humana mostrando como, através dela, o homem vai criando e transformando suas necessidades. O desenvolvimento das necessidades humanas, segundo o autor, começa quando o homem atua para satisfazer suas necessidades elementares, vitais; mais adiante, porém, esta relação se inverte e o homem satisfaz suas necessidades vitais para atuar. Esse é o caminho essencial do desenvolvimento das necessidades do homem. Mas, este caminho não pode ser infe-

rido diretamente do movimento das próprias necessidades, porque nele está implícito o desenvolvimento do conteúdo objetivo dessas necessidades (a necessidade de comer, por exemplo, não significa que o homem deseja comer qualquer coisa, mas sim que deseja comer uma comida específica que naquele momento lhe apraz e que ele até pode deixar de comer por não querer engordar). Assim, os conteúdos das necessidades, que se desenvolvem ao longo de sua história de vida, se constituem nos motivos concretos da sua atividade.

Esses motivos, à medida que cada homem vai se desenvolvendo, ou seja, vai passando da infância para a fase adulta, vão-se organizando em hierarquias peculiares a cada indivíduo que se tornam compreensíveis apenas dentro do desenvolvimento histórico do homem na sociedade. A hierarquia de motivos que possui uma organização peculiar para cada indivíduo caracteriza, como dissemos anteriormente, a estrutura da sua personalidade e ao mesmo tempo, a esfera das vivências emocionais que refletem a personalidade e são as mediadoras do seu funcionamento.

Os motivos não estão separados da consciência, diz Leontiev. Mesmo sendo desconhecidos, ou seja, quando o homem não percebe o que o estimula a executar certas ações, os motivos encontram seu reflexo psíquico na forma de tônus emocional das ações.

Durante o desenvolvimento da atividade humana, ocorre uma divisão das funções dos motivos. Isto se deve ao fato

de que a atividade passa a responder, necessariamente, a vários motivos. Por exemplo: a atividade de trabalhador é socialmente motivada, uma vez que através dela se desenvolve uma série de relações sociais com os demais colegas de trabalho. Ao mesmo tempo, ela também é motivada por uma recompensa material que é o salário. Na nossa sociedade capitalista, o sentido do trabalho surge para o trabalhador por motivos materiais (o salário); as relações sociais são motivos que também atuam, impulsionando e dinamizando a atividade, com uma função estimulante, mas não possuem a função principal de gerar sentido.

Vemos assim que existem motivos que coexistem, mas que estão situados em planos diferentes. Uns, ao impulsionar a atividade lhe outorgam um sentido pessoal, são os motivos geradores de sentido. Outros, embora também cumpram o papel de impulsionadores, carecem da função de gerar sentido e são denominados convencionalmente de motivos-estímulos. Se uma atividade que é importante para o homem por seu sentido pessoal, depara no curso de sua realização com uma estimulação negativa que provoca inclusive uma intensa vivência emocional, seu sentido pessoal não se modifica por isso. Ao contrário, haverá um desprestígio psicológico crescente da emoção surgida. Exemplo: nas relações sociais entre os colegas de trabalho, um funcionário vê-se envolvido numa situação desagradável por outro que está procurando tomar o seu lugar. O sentido pessoal que motivava seu trabalho não se modificará e a si-

tução gerada, com sua carga emocional, sofrerá um crescente desprestígio. Este fenômeno que pode facilmente ser reconhecido no nosso dia a dia, obriga a pensar no problema da relação entre o sentido pessoal e a vivência emocional. Para Leontiev portanto, estudar as emoções significa estudar as relações entre motivos, emoções e personalidade, o que só pode ser feito através da análise da atividade humana compreendida na sua dimensão histórica e social.

É difícil diferenciar entre a emoção em si e o comportamento emocional, uma vez que parece haver poucas dúvidas de que muitas reações facilmente se misturam em padrões apropriados de comportamento, como ataque seguindo-se a raiva, ou lamentação seguindo-se a mágoa, argumenta Scherer. A natureza do processo que determina se um tipo particular de comportamento emocional seguirá ou não um estado emocional específico, é quase desconhecido. Embora um estado emocional possa estimular um tipo particular de comportamento, este pode não ser realmente mostrado pelo organismo devido a tendências comportamentais conflitivas, restrições externas, ou outros fatores. Isto remete à postura de Leontiev que mostra que as emoções têm seu próprio desenvolvimento histórico, determinado pelo desenvolvimento histórico-social da humanidade, dentro do qual podemos compreender as relações entre os sentidos pessoais e as vivências emocionais.

Scherer aponta que embora a existência de expressões emocionais seja óbvia demais para ser colocada em dúvida,

sua origem, natureza, função e papel social são amplamente debatidos. Entre os temas controversos estão: se as expressões emocionais são inatas ou culturalmente aprendidas; o papel das expressões nos sentimentos subjetivos que acompanham a ativação emocional e a relação entre expressão de um estado emocional e um organismo, com base nas pistas expressivas vistas por um observador.

As concepções clássicas que seguem a postura de Charles Darwin vêem as expressões emocionais como inatas e universais. Nesta concepção, os padrões de expressão emocional são considerados 'rudimentos' remanescentes de respostas comportamentais adaptativas e suas transformações no homem é considerada como uma involução, o que seria, segundo Leontiev, um falso ideal de educação que se reduz a exigir a subordinação dos sentimentos à fria razão. Muitos sociólogos e antropólogos, porém, sustentam que a maioria das expressões emocionais é sinal convencional formado por costumes e normas culturais.

Tanto as considerações biológicas como os dados empíricos tornam difícil duvidar da existência de uma essência biológica em muitas expressões emocionais, argumenta Scherer, e que muitas delas mostram continuidades evolutivas, isto é, elas podem ser encontradas em outras espécies que não o homem.

Scherer, assim como outros pesquisadores, não duvida de que as normas sociais e convenções nas diferentes culturas

exercem considerável influência no fato de um indivíduo mostrar ou não uma expressão emocional particular e na forma como esta será manifestada. Ele mostra que em espécies socialmente organizadas, onde os indivíduos interagem, é necessário que a ação seja coordenada. Quanto maior for a possibilidade de comportamento dos indivíduos, mais intrincados serão os sistemas de sinais por eles desenvolvidos, a fim de permitir que uns possam prever como os outros irão se comportar e possam ajustar adequadamente seus próprios comportamentos. As expressões emocionais estabelecem condições para tal sistema de sinais, revelando ter um papel importante na comunicação social entre os membros de uma espécie.

Scherer, contando com a colaboração de pesquisadores de diversas partes do mundo, coordena, atualmente, uma pesquisa inter-cultural sobre emoção, procurando trazer a luz às várias questões e incertezas aqui apontadas. Isto tem sido feito através de um questionário desenvolvido por ele e sua equipe que contém perguntas abertas e fechadas e foi aplicado em grande número de países, inclusive no Brasil. Este questionário levanta os antecedentes e conseqüentes de 7 emoções (alegria, tristeza, raiva, medo, vergonha, repugnância e culpa) em termos da situação em que tais emoções ocorrem, sua duração, intensidade, valoração, expectativa, reações comportamentais (ex: movimentos abruptos), reações corporais (ex: taquicardia, nó na garganta) e reações verbais (ex: falar alto, gritar).

A literatura sobre emoção fornece um número enorme de rótulos, usados para referir-se aos estados emocionais. Várias tentativas foram feitas no sentido de produzir listas desses rótulos. Listas de mais de 500 termos ingleses foram elaboradas. Numa tentativa similar, usando a língua alemã e procurando eliminar sinônimos, Scherer listou 200 termos. A partir daí, ele questiona se termos como: impressionado, corajoso, descuidado, determinado, duvidoso, aterrizado, pensativo, imprudente caracterizariam estados emocionais. Se não, quais seriam as categorias psicológicas que incluiriam estes estados?

No uso diário, geralmente não distinguimos entre afetividade e emoção quando falamos sobre 'sentir raiva' ou 'sentir tristeza', mas o componente afetivo da emoção tem sido o foco de atenção de muitos psicólogos e filósofos de orientação fenomenológica, como Sartre por exemplo, que enfatizaram o importante papel que ele desempenha na vida consciente dos seres humanos.

Scherer pergunta-se também que termo genérico deveríamos usar para estados do organismo que possuem tanto componentes orgânicos como psicológicos, dos quais somente alguns poderiam ser chamados emoção. E sugere o termo 'estado afetivo' para tal porque, conforme explica, a raiz latina 'afficere' denota os vários tipos de estados a serem incluídos sob tal expressão:

- 1) levar alguém a uma condição, disposição ou estado corporal ou orgânico;
- 2) levar alguém a um humor ou dis-

posição psicológica ou mental, excitar ou estimular, mover ou tocar;

3) atacar, enfraquecer ou esgotar alguém.

O termo emoção, diz Scherer, pode então ser usado para se referir a padrões intensivos do processo afetivo claramente delineados. Um aspecto particularmente importante do *componente subjetivo* da afetividade dos estados emocionais é que a afetividade pode persistir por algum tempo depois que a situação produtora de estímulo inicial tenha passado. A persistência do sentimento emocional por um longo período de tempo é geralmente chamada de humor. *Afetividade* (ou sentimento) e humor podem afetar o comportamento de uma pessoa, incluindo fenômenos expressivos, independente da ativação emocional específica produzida por uma estimulação específica. Os *humores* podem se tornar disfunções quando eles não refletem realisticamente a relação de uma pessoa com seu meio social ou material, continua Scherer. A persistência disfuncional de humores e afetividade como o desânimo, pode levar a distúrbios afetivos severos como depressão e outros fenômenos psicopatológicos. É importante, ainda, salientar o *papel do verbal* na compreensão da afetividade subjetiva dos estados emocionais. É geralmente através do relato verbal que o psicólogo e o pesquisador tentam alcançar o processo emocional. Assim, a linguagem disponível para descrever a experiência emocional é de particular importância e pode refletir dimensões funda-

mentais da mesma.

Resta agora uma palavra sobre agressividade, entendendo sob este rótulo não só o dinamismo, a energia ou a força para uma atividade, mas também e principalmente a disposição para agredir ou usar a força para coagir moral ou fisicamente, o que seria entendido por violência.

Se por um lado podemos reconhecer, como apontou Scherer, a existência de uma essência biológica na manifestação da agressividade, uma vez que várias espécies de animais a expressam dentro da sua perspectiva de sobrevivência e adaptação ao meio, no homem as formas sob as quais a agressividade e a violência foram se manifestando ao longo da história só podem ser entendidas dentro do contexto social em que estão inscritas. A agressividade usada para coagir, ou seja, a violência é um fenômeno bastante presente no nosso cotidiano e que, visto de uma perspectiva social, assume formas diversas como o autoritarismo, as agressões físicas, o terror, entre outros. Reduzir esta agressividade e violência ao estritamente biológico – como pretendeu um psicólogo norte-americano ao sugerir aos químicos que se esforcem no sentido de criar uma droga capaz de anular a agressividade nos homens, pois este seria, segundo ele, "*o único meio para a implantação de uma convivência tranqüila entre as criaturas e a paz permanente entre os povos*" (Pontes de Souza⁴, p. 43) – é entender o homem não no que ele tem de humano, mas no que ele tem de animal. É reduzir a dialética entre o social e o orgânico, que é onde se cria o

humano, ao estritamente orgânico e individual pretendendo a partir daí, resolver o social.

Uma análise da agressividade do homem na sociedade é também uma análise da violência social sobre o homem. Ela facilmente nos mostra que condições de vida sub-humanas (como a fome, por exemplo, que é uma violência social sobre o homem) geram agressividade ou violência do homem contra a sociedade, o que por sua vez, em certos contextos políticos, determinam mais violência por parte do poder estabelecido, através de um processo de repressão que visa a reprimir a violência anterior. Temos

então, de acordo com Ponte de Souza que: *"a violência vista como social não é um fenômeno acidental (arbitrário em si) e muito menos causa; é uma estratégia (planejada e organizada) de dominação presente na consciência dos dominadores que se forja na consciência dos dominados (violentados) como consequência da relação de força e da economia na história"* (p. 15). Isto, em outras palavras, significa que a análise das faces que a agressividade ou a violência assumem, dentro dos vários contextos histórico-sociais por que passa a humanidade, remetem a uma análise das relações de poder.

Summary

This articles presents some of the divergences found in the literature on emotion concerning its definition, function and relation with cognition and points out (as a way to overcome the divergences and achieve progress in research) the necessity of studying it not as an isolated manifestation but in connection with the study of the human activity understood in its social historical dimension.

Bibliografia

1. SCHERER, K. R. & EKMAN, P. *On the Nature and Function of Emotion: A component processe approach*. Cap. 14. Em: *Aproaches to Emotion* – HILLSLADE, N.J. Lawrence Erlbaum, 1984.
2. LEONTIEV, A.N. *Actividad, Conciencia y Personalidad*. Buenos Aires, Ediciones del Hombre, 1978.
3. SCHERER, K. R. *Speech and Emotional States*. Em: L. Darby (ed.) *Speech evaluation in psychiatry*. New York, Grune & Stratton, 1981.
4. SOUZA, F. *Ponte de Política e Metodologia da Pesquisa Crítica em Psicologia Social* – narrativa de um caso. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1983.